

**PERSONALISMO E A FORMAÇÃO HUMANIZADORA:
UM ESTUDO DAS CONTRIBUIÇÕES DE MOUNIER**

Mônica Ferreira Albernaz

RESUMO

Esta pesquisa discute a relação entre a filosofia personalista de Mounier e a formação humana. O questionamento que a norteou foi: quais as contribuições do pensamento personalista de Mounier para uma formação humanizadora? A metodologia que utilizamos foi a pesquisa bibliográfica com análise das principais obras deste pensador e obras de comentadores do seu pensamento. Buscou-se compreender o contexto da constituição do pensamento de Mounier, sua história de vida e seu próprio pensamento personalista. A Europa, no início de século do século XX, passou por várias transformações sociopolíticas e econômicas. Presenciou duas grandes guerras, sofreu suas implicações, como fome, miséria e precariedade de condições de vida. Foi um período de incertezas, devido aos efeitos da “Grande Depressão”, a partir da crise de 29; ao avanço desenfreado do modelo econômico capitalista e às instaurações de governos totalitários, como os socialistas e os comunistas. Neste contexto, Mounier olhou seu tempo face-a-face, tomando consciência de si, e afrontou-o de modo a lutar pela mudança – “Refazer a Renascença”. O personalismo de Mounier é um modo de vida, uma inspiração que tem como experiência fundante a afirmação do valor absoluto da pessoa humana e que compreende uma perspectiva humanizadora que promove o contínuo vir a ser cada vez mais humano mediante o despertar da pessoa em comunidade. Este despertar é o reconhecimento do chamado espiritual ao ser mais humano. É nesse sentido que o novo humanismo em Mounier consiste em refazer a Renascença, que é um renascimento do homem concreto, situado no e em relação constitutiva e axiológica com o *eu-Tu*, em totalidade, implicado a uma revolução que forme uma nova compreensão de pessoa e de comunidade, uma chamada à libertação humana. A valoração humana que se encontra na dialética axiológica presente na imanência e na transcendência se torna um processo de autoelevação humana que se caracteriza pela metafísica, tendo primazia a axiologia humana. No refazer a Renascença, há uma proposta política-econômica-social centrada na pessoa, para cuja formação tudo deve convergir. Para se compreender a humanização do homem, é

necessário perpassar a tríade de seu volume total, de seu desenvolvimento pleno – encarnação, vocação e comunhão –, caracterizado na estrutura do universo pessoal em processo histórico. Assim, não se pode compreender a formação humanizadora personalista de uma nova civilização sem a relação chamada-resposta-metafísica que se evidencia no afrontamento-engajamento. A formação humanizadora personalista apresenta no realismo espiritual – transcendência humana e divina –, que está em contraposição ao materialismo e ao espiritualismo, a dimensão axiológica do realismo cultural. O ato conhecer o mundo a partir do realismo espiritual diz respeito ao ato de elevar-se da horizontalidade do ser humano, um elevar-se a partir das condições de encarnação, que caracteriza união com o mundo espiritual. Desse modo, as características do personalismo de Mounier que contribuem para a formação comprometida com a pessoa como valor maior são: a perspectiva do acabamento da vida pessoal como sendo uma ação ético-política da comunidade; a educação personalista (que tem como base binomial “liberdade e compromisso”); a cultura como transcendência e superação e o afrontamento.

Palavras-chave: Personalismo. Humanismo. Formação.

Esta pesquisa discute a relação entre filosofia personalista de Mounier e a formação humana. O problema que propomos discutir é: quais as contribuições do pensamento personalista de Mounier para a formação humanizadora que podem refazer a Renascença, isto é, recolocar o homem como centralidade das preocupações do fazer humano? A metodologia que utilizamos foi a pesquisa bibliográfica com análise das principais obras deste pensador e obras de comentadores do seu pensamento. Nessa direção, buscou-se compreender o contexto da constituição do pensamento de Mounier, sua história de vida e o próprio pensamento personalista de Mounier.

Nos primórdios do Século XX e em seu decorrer, a Europa passou por profundas crises de ordem social, política e econômica, presenciando duas grandes guerras e sofrendo suas implicações; como fome, miséria e precariedade de condições de vida. Os reflexos destas implicações foram sentidos por todo o mundo. Foi um período de incertezas, devido aos efeitos da “Grande Depressão” a partir da crise de 29; o avanço desenfreado do modelo econômico capitalista e as instaurações de governos totalitários como socialismo e comunismo. Essa crise vivida pela Europa foi fruto de uma postura racionalista instrumental, a qual não conseguiu corresponder às necessidades humanas e

desdobrou-se em fracasso no processo de humanização.

Nesse contexto de crise na Europa, particularmente na França, encontra-se Emmanuel Mounier (1905-1950), com uma profunda inquietação, um inconformismo diante da miséria da civilização, que o despertou para o engajamento pessoal. Mounier questionou o capitalismo, o coletivismo, o totalitarismo, a crise estabelecida na Europa, os seus desdobramentos e propôs um movimento na busca por refazer a Renascença, ou seja, fazer renascer o homem como pessoa – O Personalismo.

Mounier nasceu em Grenoble – França, em 1º de abril de 1905. Filho de pais que cultivavam hábitos simples, de origem católica, exercia, portanto, a fé cristã. Essa tradição católica trouxe profundas influências na sua vida-obra. Quando jovem, seguindo o desejo dos pais, Mounier entrou para a faculdade de medicina. Entretanto, a sua vontade era dedicar-se à formação humanista. Posteriormente, Mounier entrou em conflito com o curso de medicina, o que o levou ao desespero e ao desejo de suicídio. Porém, foi em um retiro espiritual que Mounier afirmou que “teve a revelação ‘da verdadeira humildade que eu ignorava, de minha vocação da qual duvidava’” (SEVERINO, 1974, p. 3). Isso se confirmou em 1924, quando ele abandonou o curso de medicina, entrando para o de filosofia e cursou-o no período de 1924 a 1927, com o objetivo do apostolado religioso, tendo como mestre o filósofo Jacques Chevalier.

Neste período, Mounier exerceu atividades militantes em movimentos da Igreja Católica. Criou um grupo de estudos religiosos, engajou-se em um apostolado leigo entre os estudantes e conheceu o Padre Guerry, vigário no bairro operário de Grenoble. Juntamente com ele visitou os bairros mais pobres da cidade e passou a ter contato com a miséria em que as pessoas daquela época viviam. “Isto marcá-lo-á, para sempre, recebendo talvez aí, o seu ‘batismo de fogo’” (SEVERINO, 1974, p. 3).

Em 1927, defendeu sua dissertação para a obtenção do diploma de Estudo Superior de Filosofia, com o título: *O conflito antropocentrismo e teocentrismo na filosofia de Descartes*. E, em 1928, partiu para Sorbonne, Paris, com o objetivo de entrar para o doutorado. Em Paris, Mounier entrou em contato com intelectuais inconformados com a crise da Europa e passa a integrar um movimento de matriz católica.

No ano de 1928, Mounier foi aprovado para o curso de doutorado em filosofia na Sorbone, conquistando bolsa de estudos por três anos. Em Paris, Mounier redescobriu Charles Péguy (1873-1914) e influenciado pela vida e pela obra de Péguy desistiu do doutorado. Foi na Sorbonne, quando percebeu a densidade que era dada aos

aspectos abstratos da vida acadêmica, que se desligou de todo este contexto. O pensamento de Péguy gerou a força propulsora de libertação em Mounier, promovendo o seu engajamento ao que estava fora da academia, a vida humana.

No início da década de 1930, Mounier iniciou a elaboração do projeto de uma revista. Durante dois anos, ele juntamente com seus três amigos; Izard, Deleage e Galey; se dedicam na busca de conteúdos espirituais oriundos não só da cultura cristã, mas de confrontos constantes com outras culturas. Os conteúdos da filosofia personalista nascem em meio a debates políticos e culturais daqueles dias. Em 1932, Mounier fundou a revista *Esprit* com o seu grupo de amigos.

No período de guerras, Mounier foi perseguido por ser considerado perigoso, chegou a ser preso algumas vezes. Como forma de protesto, fez greve de fome por 12 dias, juntamente com alguns companheiros de cela. Em 1944, com a libertação, voltou para Paris e passou a viver com um grupo de famílias amigas, construindo a primeira experiência de uma comunidade de pessoas, e a dedicar-se aos ideais da revista *Esprit*, a qual retornou em dezembro de 1944, sendo apoiada pelos antigos e novos amigos, como Goguel, Morrou, Lacroix, Fraisse, D`Astorg, Domenach e Ricouer.

Mounier passou a fazer viagens ao exterior com o objetivo de organizar e reorganizar grupos ligados ao movimento. Nos anos seguintes, publicou vários livros.

Em 22 de março de 1950, Mounier morreu de complicações cardíacas, que já vinham dando sinais. O autor, porém, não havia a elas dado atenção devida, pois atribuía isso ao excesso de trabalho.

Mounier foi um homem de passagem intensa e rápida, e influenciou profundamente seu tempo com seu pensamento e sua dedicação. Ele olhou seu tempo face-a-face, tomando consciência de si, e afrontou-o de modo a lutar pela mudança – “Refazer a Renascença”.

Mounier (1992) compreende que no ser humano está a pessoa, como que misturada como vinho e água. Para ele, “a pessoa está no homem substancialmente encarnada, mesclada com sua carne enquanto transcendente a ela, tão intimamente como vinho se mescla com a água” (MOUNIER, 1992, p. 628). É nesse sentido que ele aborda o termo, pessoa humana. A direção, do início ao fim do pensamento de Mounier, é a pessoa como valor maior. O que provocou Mounier a pensar a pessoa foi a própria miséria humana de seus dias, a profunda indiferença dos homens diante do sofrimento humano.

O personalismo de Mounier é um modo de vida, uma inspiração que tem como experiência fundante “uma afirmação do valor, um ato de fé: a afirmação do valor absoluto da pessoa humana” (MOUNIER, 1992, p. 626). Desse modo, a característica central desta inspiração é o papel que desempenha a pessoa. A noção de pessoa, por ser central, é estruturante do ser humano. A pessoa é o elemento de experiência progressiva de uma vida, a vida pessoal. E é noção da qual depende esta experiência. Em torno dela se “constrói o andaime conceitual deste tipo particular de filosofia” (BURGOS, 2012, s/p).

Para Mounier (2004), a pessoa não pode ser definida, justamente por não ser objeto, ela é inesgotável, “*o não inventariável*” (MOUNIER, 1990, p. 97). A pessoa é um centro de reorientação do universo objetivo. O autor entende a pessoa como abertura inesgotável, sempre em construção, um auto revelar-se. A pessoa se opõe ao indivíduo na medida em que ela é domínio, ela faz escolha, se autoconquista e é rica em comunhão com a carne do mundo e do homem espiritual, em comunidade. A pessoa é “o volume total do homem. É um equilíbrio de comprimento, largura e profundidade, a tensão em cada homem entre suas três dimensões espirituais: [...] Vocação, encarnação, comunhão, a pessoa tridimensional” (MOUNIER, 2003b, p.50). Desse modo, ela se põe em um contínuo exercício de se superar, se integrar e se comprometer. A pessoa só se realiza na comunidade, sendo sua vocação infinita. Ela, a pessoa, pode ser infinitamente mais em comunidade.

O autor aprofunda suas ideias sobre a pessoa voltando-as para o universo por ela edificado: a estrutura do universo pessoal, que se desdobra em existência incorporada, comunicação, conversão íntima, afrontamento, liberdade em condições, bem como eminente dignidade e compromisso, “das quais cada uma delas dará acesso ao mistério pessoal” (MOIX, 1968, p. 133).

A estrutura do universo pessoal na perspectiva tridimensional apresenta a seguinte configuração: a encarnação se realizando na existência incorporada e na liberdade em condição; a vocação realizada na eminente dignidade, no compromisso e na conversão íntima, e a comunhão, que se dá na comunicação e no afrontamento. Esta estrutura compreende o volume total do homem. Nela se cria e se corre o risco de uma liberdade responsável em ação dialética, na qual não ocorre a síntese na perspectiva do contínuo ato de se dialetizar a força criadora humana.

Desse modo, o personalismo de Mounier compreende uma perspectiva humanizadora que promove o contínuo vir a ser cada vez mais humano mediante o despertar da pessoa, a personalização do homem.

A obra de Mounier está marcada pelas influências de várias correntes, como o Cristianismo, no seu sentido mais revolucionário e autêntico; a Fenomenologia Existencial, na dimensão da concepção dialética entre homem e o contexto natural e cultural, o ser-aberto-ao-mundo de modo intencional, e o Marxismo na visão de Marx sobre a práxis e nas concepções sobre alienação. Mounier buscou repensar estas correntes de pensamento, vinculando-as à sociedade de seus dias e, assim, propôs um novo modo de pensar a pessoa humana.

A noção de humanismo de Mounier está vinculada ao humanismo cristão e configura-se em uma visão antropológica do ser humano, a partir da referência do pensamento judaico-cristão. Para Mounier, o habitar da presença divina no homem consiste no “sopro divino que impele a humanidade” (MOUNIER, 2004, p. 39), que é o participar da sua humanização. O homem é chamado a ação de se fazer mais e mais humano, na relação *eu-Tu-nós*, ou seja, comunitariamente. Ao perceber-se historicamente constituído humano, o homem sente-se chamado ao para além do homem, um chamado ao homem espiritual.

É nesse sentido, que o novo humanismo em Mounier consiste em refazer a Renascença. É o renascimento do homem concreto, situado e em relação constitutiva e axiológica com o *eu-Tu*, em totalidade, implicado a uma revolução que formasse uma nova compreensão de pessoa e de comunidade, uma chamada à libertação humana. No refazer a Renascença, há uma proposta política- econômica-social centrada na pessoa, para a qual tudo deve convergir para a sua formação.

Para Mounier (1992, 2004) a valoração humana se mostra na dialética axiológica presente na imanência e na transcendência, se tornando um auto elevar humano, sendo este caracterizado pela metafísica, tendo primazia a axiologia humana.

O humanismo proposto por Mounier (2003a, 2004) foge a uma sistematização fechada por ter, o ser deste movimento de humanização, um princípio de imprevisibilidade instaurado em sua estrutura. Ele põe em movimento o tempo como aberto, para a constatação dos problemas que envolvem a pessoa e os processos de humanização, que estão na estrutura deste universo. É a inspiração presente na ascensão ao humanismo total, no fazer cultura.

Na perspectiva da ascensão ao humanismo total, observa-se que na cultura está o

lugar do retorno da pessoa ao que lhe incide. Ele é o imprevisível da pessoa, o princípio da imprevisibilidade da pessoa e de sua afirmação central se mostra na luz que retorna dela em forma da vocação e da comunhão. Retoma-se o veio fenomenológico humanista constitutivo culturalmente, aqui se demonstra uma base na estrutura do universo pessoal, a intencionalidade, que é “ato e estrutura da consciência pelo qual esta cessa de ser uma interioridade fechada nela mesma para se abrir aos objetos do mundo visados” (DEPRAZ, 2008, p.118). O que fundamenta a estrutura do universo pessoal é a abertura de si aos objetos do mundo, a intencionalidade que percola-se entremeando toda a estrutura do universo pessoal. Desse modo, o princípio da imprevisibilidade da pessoa reside na intencionalidade.

Para Mounier (2007a), a humanidade é um movimento integral de modo histórico na perspectiva da humanização. Ocorre neste pensamento, a ideia de projeto de humanidade enquanto “destinos coletivos, donde não pode ser separado nenhum destino individual” (MOUNIER, 2004, p. 55). Aqui se põe o implicativo do caráter comunitário, enquanto projeto de humanização. A comunidade atua como o elemento que assegura a passagem histórica, situada em um espaço-tempo para contínuo o humanismo de Mounier (2004), o não definido completamente, justamente por conter o princípio da imprevisibilidade da pessoa, em movimento de cada vez mais humano, o que ocorre por ser ela comunidade de pessoas.

Desse modo, compreender a humanização do homem é necessário perpassar pela tríade do volume total do homem, desenvolvimento pleno do homem – encarnação, vocação e comunhão – caracterizada na estrutura do universo pessoal em processo histórico. Nesta perspectiva, se dá o que Mounier (1990) chamou de uma resposta metafísica a um chamamento metafísico. Não se pode compreender a formação humanizadora personalista dessa nova civilização sem a relação chamada-resposta-metafísica que se evidencia no engajamento.

A formação humanizadora personalista apresenta no realismo espiritual – transcendência humana e divina –, que está em contraposição ao materialismo e ao espiritualismo, a dimensão axiológica do realismo cultural e nele há um conceito de pensamento vinculado à linguagem e ao compromisso, que devem ser compreendidos dentro da estrutura do universo pessoal como categoria de humanização.

Desse modo, o conhecimento se dá na relação eu, objeto e realidade espiritual por meio do terceiro elo, que são os valores espirituais. No conhecer há um permear valorativo intencional. Os valores permeiam a percepção e são eles os elementos que

irão propiciar a não alienação. No momento de percepção do real, pode ocorrer a tomada de consciência, que implica em uma parada ativa. “Esta parada não é um fim em si mesmo” (MOUNIER, 1993, p. 286), mas é condicionada a uma ação que mostre qualidade.

A tomada de consciência, em Mounier (1993), pode ser descrita como um ato de consciência exigente, um combate, que se dá a exterioridade do ser em ato, condicionada a uma reflexão, a interioridade, que faz a ação mais perfeita em qualidade.

O processo de conhecer, como tomada de consciência, apresenta a necessidade de ser situado espacialmente e “só tomamos consciência de um pequeno número de coisas” (MOUNIER, 1993, p. 287), logo, é vinculado à comunidade. O conhecimento, na perspectiva do realismo espiritual, pertencente a um ser encarnado e dotado das implicações da existência incorporada e da liberdade em condição, bem como do próprio ser vocacionado, pois, o ato da consciência exigente requer o sentido da eminente dignidade e do compromisso. Assim, o ato da tomada de consciência, a parada ativa, perpassa o despertar da pessoa. A garantia do despertar pessoa é o movimento de saída de si mesma, na direção da “presença do real de ser e de seres”.

No recolhimento há uma linguagem interior, em que o eu fala consigo mesmo mediado pelo objeto exterior e internalizado nele por meio da experiência, que é “a dialética interioridade-objetividade” (MOUNIER, 204, p. 65). Desse modo, “[...] a pessoa é ela própria diálogo, na tensão entre liberdade e engajamento” (MOIX, 1997, p.35), que consiste em ir ao objeto, saída de si mesmo, na garantia de si e um voltar-se, mediante o objeto, se perguntando: como posso me comprometer como o mais humano?

No processo de conhecer a partir do realismo espiritual, Mounier (1992) aborda o acontecimento, o evento real que nos seres humanos provocam uma série de sentimentos e ações, sendo estes, “opponentes mais fortes as nossas mudanças ao primeiro entusiasmo em ser” (MOUNIER, 1992, p. 203).

O conhecer a partir do realismo espiritual diz respeito ao elevar-se da horizontalidade do ser humano, um elevar-se a partir das condições de encarnação, que caracteriza união do mundo espiritual. Desse modo, o realismo cultural se mostra como o que mantém a realidade das pessoas na realidade da comunhão universal. Este manter se deve à metafísica da pessoa implicada política e moralmente.

A formação personalista caracteriza-se pela “formação da pessoa no homem e do homem nas exigências individuais e coletivas do universo pessoal” (MOUNIER, 2004, p. 133). Para o autor, a pessoa pertence à esfera do espiritual e a formação da pessoa

perpassa pelo despertar da pessoa. Desse modo, é a partir do realismo espiritual que se promove o despertar da pessoa. Este é o sentido humanizante em e da comunidade.

Cabe à comunidade garantir as possibilidades da pessoa acessar ao máximo a forma de subsistência, as particularidades para a sobrevivência, a estabilidade e a permanência da preservação da sua vida, bem como a construção da sua própria independência. A ação da comunidade é uma ação ético-política que visa esta garantia.

Outro elemento importante, no processo civilizatório proposto por Mounier (1992/2004), é a perspectiva do acabamento da vida pessoal. O *eu*, no pensamento personalista, é um ser a ser construído, a se autoconstruir continuamente. O *eu*, aqui, é a pessoa. Este autoconstruir se dá mediante a afirmação pessoal movida pela dialética da existência incorporada na interiorização-exteriorização. Os processos que possibilitam a afirmação do *eu* são abordados, por Mounier (2004), na estrutura do universo pessoal, onde destaca-se, porém, a implicação do sentido do chamamento para libertar a humanidade. Este sentido só é possível mediante o *eu-Tu-no-mundo*, que se desdobra na valorização do *eu* como ser absoluto.

Já a compreensão de educação escolar em Mounier (2004), perpassa a ação cultural no sentido formativo das experiências vivas em comunidade e, ainda, para ele, a educação personalista deve ser conduzida “para uma cultura da ação” (MOUNIER, 2004, p. 111). O âmago desta proposta formativa, o despertar da pessoa, está na cultura. A ela deve-se o vínculo axiológico no processo histórico de desenvolvimento de comunidades de pessoas. É o modo de engajamento, na defesa da pessoa humana como valor absoluto, em transcendência ao mais humano.

A educação personalista é apresentada pelo autor, a partir de princípios norteadores, tendo como base binomial a liberdade e o compromisso. A educação não visa moldar, mas busca fomentar o surgimento da pessoa. O centro de toda ação educativa personalista é o despertar pessoa capaz de viver e comprometer-se como tal, no uso de sua liberdade e responsabilidade, sendo estes processos desenvolvidos de forma gradual; a atividade da pessoa é liberdade e conversão para a unidade de propósito e fé. A educação é um processo tensional entre a liberdade e o compromisso em uma pessoa, que se entrelaçam, ligando todos os envolvidos nesse processo vivencial contínuo de formação; a criança deve ser educada como pessoa, por meio da experiência e do compromisso pessoal da aprendizagem livre.

A educação, por ser uma ação cultural, se torna compromisso de todos os envolvidos, não só da escola. A responsabilidade é co-participativa no despertar pessoa,

tornando-se necessárias articulações políticas entre comunidade, Estado e Nação, em direção à dignidade da pessoa.

Mounier (1992) entende que a rede da metafísica da presença, enquanto força ascensional unificante em transcendência axiológica de modo relacional, que se corporifica na produção cultural como corpo universal. Esta rede de contato é o próprio realismo espiritual. A cultura atua sobre a vida pessoal, propiciando componentes que a alimenta juntamente com a criação na vida pessoal. O processo configura-se como uma via de mão dupla.

A cultura é movimento de liberdade, é ato criativo e em comunidade. “Toda cultura é transcendência e superação” (MOUNIER, 1990, p. 546). É nesse sentido que se põe, em processo histórico de humanização, um projeto de libertação humana mediado pela cultura. Para o autor, é na cultura que se deve propiciar ao homem um novo hábito de ser pessoa que a propicie a percepção dos problemas humanos do ponto de vista do bem da comunidade humana e que possibilite ao homem condições para se tornar mais humano.

A cultura se torna esse meio de instauração dos processos combatentes ao mais humano. É um movimento a partir de dentro, “do interior” (MOUNIER, 1992, p. 676), de combate às formas de culturas burguesas, do consumo, do vazio interior do homem abstrato, do combate ao monopólio do poder e do espírito capitalista, à arte massificada, à fabricação de modelos e à indústria cultural.

Em Mounier (1992), há uma proposição de afirmação da cultura popular como caminho de uma nova cultura. Para ele, existe uma fração do povo que não está contagiada pela decadência burguesa, esta traz consigo a promessa de uma nova cultura. Isso se dá, porque nessa fração do povo há experiências vivas do verdadeiro saber, que são recursos de cultura em busca do seu próprio caminho.

O autor compreende que para que ocorram transformações em direção ao mais humano, é necessário o afrontar diante das situações que desumanizam. O afrontamento pertence à estrutura do universo pessoal, constituído pelo e no volume total do homem, deve ser compreendido como condição para a humanização, como elemento formador do mais humano por implicar nele o ser pessoal em comunidade. Para o autor, o afrontar diz respeito à vida cotidiana, ao comum do dia a dia, não é algo de um ser extraordinário.

Afrontar é ser pessoa, singularizar-se. Na ação de singularizar-se, o ser se põe por inteiro em originalidade à resposta a um chamado, a “atingir o extraordinário no

próprio centro da vida cotidiana” (MOUNIER, 2004, p. 68). Desse modo, afrontar é olhar de frente. Não há um esconder-se, um omitir-se, um anular-se diante do mundo hostil, mas sim um face a face, um afrontar como mudanças no *eu*, na busca de mudanças para o mais humano, no *eu-nós*.

No afrontar a pessoa é ação na defesa de si e do outro, na seguridade do ser pessoal em comunidade. Ela assume a sua própria libertação em comunidade, na direção ao mais humano que é a personalização. Assim, o afrontamento desdobra-se, dentro da estrutura do universo pessoal, em ações políticas no engajamento.

O afrontar parte do *eu* que se aciona em exteriorização engajada, é o sair de si em afrontamento na ação e em formação, para a aproximação entre os homens e para o elevar espiritual em acessão dos valores. Retoma-se à cultura novamente vinculada ao formativo e à estrutura do universo pessoal. Mounier (1992) chama à necessidade de se criar uma cultura da ação, partindo da compreensão do afrontar enquanto modo do ser pessoal cotidianamente engajado.

A pessoa não é indiferente à dor, à miséria e à angústia do outro, por ser ela *eu-nós* implicada no *Tu*. O afrontar, fruto do movimento de acabamento pessoal permeado pelo *Tu* em direção ao *nós*, possibilita à sensibilidade para com o outro, que se mostra em ações, tendo fins do mais humano. Assim, afrontar é um mover-se por inteiro, em ações personalizantes. É pensamento-ação de totalidade humana ao mais humano.

Nota-se, no pensamento de Mounier, que o movimento de recolocar o homem como centralidade das preocupações do fazer humano se inicia com a sua própria história de vida, na expressão do seu engajamento diante da crise social, econômica e política de seus dias, a favor da dignidade humana. Este engajamento se deu devido à sua rejeição aos modos do fazer o humano de seu tempo – homem abstrato, artificial, desumano e envolto à mística do individualismo e à mística do coletivismo. Assim, empenhou-se em um novo pensar-ação sobre este fazer humano, projeto de civilização – O Personalismo.

Desse modo, o autor propôs um retorno ao homem concreto, o homem real, e a partir deste homem; influenciado pelo cristianismo, pela fenomenologia-existencial e pelo marxismo, elaborou uma nova compreensão de humanização. Nela, a pessoa é apreendida como centralidade axiológica de todo pensamento-ação. Assim, o autor elaborou um modo antropocêntrico do fazer humano implicado pela tríade *eu-Tu-nós* e assegurado pela estrutura do universo pessoal, por ser a pessoa volume total do homem,

a encarnação, a vocação e a comunhão, o desenvolvimento pleno do homem – o humanismo total.

As contribuições levantadas nesta pesquisa partem da compreensão personalista deste novo fazer humano, que se dá a partir do realismo espiritual caracterizado pela (e presente na) rede da metafísica da presença, que se mostra na ação cultural do despertar da pessoa em comunidade de pessoas, de modo histórico, temporal, situado, ético-político e em permanência aberta, contém o princípio da imprevisibilidade. Isto se dá por ser a personalização do homem uma contínua dialética axiológica que ocorre mediante a exteriorização-interiorização e tem como finalidade o acabamento do ser pessoal, o autoconstruir continuamente.

Este movimento dialético ocorre em enfrentamento do homem real consigo mesmo e com o mundo, mediado pelos acontecimentos, pela facticidade, pela temporalidade e pelas contingências, em resposta ao chamado à personalização em comunidade de pessoas, ou seja, em movimento de humanização do homem.

Desse modo, a proposta de Mounier de refazer a Renascença nos coloca participativos ao chamado-resposta para o despertar a humanidade do homem concreto em afrontamento-engajamento e em ações que se mostram formativas, tendo como princípio norteador a valoração da dignidade humana, a pessoa como valor maior.

Mounier (2003b), compreende que se faz necessário ensinar o homem a sair de si mesmo para o que está para além de si. É na perspectiva da superação do medo, que se tem uma formação implicada no ato de amar, como certeza do “cogito” existencial irrefutável; “amo, logo o ser é, e a vida vale (a pena ser vivida)”. Esse amor é de uma extrema lucidez, pois “o amor é cego, mas de uma cegueira extra-lúcida” (MOUNIER, 2004, p. 49). É nessa e para essa extrema lucidez que se põe o trabalho formativo na perspectiva da saída de si mesmo. Aqui se põe o compromisso em ação formativa da comunidade de pessoas no refazer a Renascença, o ato de se ensinar a amar em afrontamento e engajamento, amando a sua pessoa humana e a comunidade de pessoas na busca do mais humano. Assim se dá o “libertar o autêntico do inautêntico, o permanente do caduco. Aqui se encontra com o espírito do personalista” (MOUNIER, 2004, p. 137).

Concluimos que, para que ocorra um retorno ao homem concreto, em ascensão do valor da pessoa humana como centralidade de toda a ação, se faz necessária uma tomada de decisão, uma conversão à vocação em ato de despertar a pessoa em comunhão e em busca do volume total do homem. Assim, o sentido da história pessoal

– fazer-se mais humano no tempo-espaço – se faz um sentido comunitário. Isso quer dizer uma resposta metafísica a um chamado metafísico, onde o destino de todos não exclui nenhum dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

BURGOS, J. É possível definir o personalismo? 2012. Disponível em: <<<http://Personalismomounieriano.blogspot.com.br/2012/02/e-possivel-definir-o-personalismo.html>>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

DEPRAZ, N. *Compreender Husserl*. Tradução de Fábio dos Santos. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOIX, C. *O pensamento de Emmanuel Mounier*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1968.

MOUNIER, E. *Obras completas I*. Espanã: Síguemes, 1992.

_____. *Obras completas II*. Espanã: Síguemes, 1993.

_____. *Obras completas III*. Espanã: Síguemes, 1990.

_____. *Obras completas IV*. Espanã: Síguemes, 1988.

_____. *Manifeste au service du personalisme*. Collection *Esprit*. Paris: Editions Montaigne, 2003a.

_____. *Révolution personaliste et communautaire*. Paris: Edittions du Seuil, 2003b.

_____. *Introduction Aux Existentialismes*. Paris: Gallimard, 2007a.

_____. *La Petite Peur Du XXeSiècle*. Paris: Seuil, 2007b.

_____. *O Personalismo*. São Paulo: Centauro, 2004.

SEVERINO, J. *A antropologia personalista de Emmaneul Mounier*. São Paulo: Saraiva, 1974.